

12-04-2022

"É o nosso momento" Será?**Sônia Gertner**[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

O vencedor do Oscar nesta 94ª edição foi o filme *"Coda - No ritmo do coração"*. O filme levou todas as estatuetas das categorias nas quais competia, melhor filme, melhor ator coadjuvante, Troy Kotsur e melhor roteiro adaptado, de Siân Heder. Foi emocionante ver a plateia de pé, balançando as mãos no gesto de aplauso utilizado pela língua de sinais ([veja](#)). O grande destaque está no fato da equipe de atores selecionados para representarem uma família de pessoas surdas, com apenas uma filha ouvinte, serem de fato pessoas com deficiência auditiva. O título original do filme, CODA, é um acrônimo para *child of deaf adult(s)*, expressão que significa filho/a de adulto(s) com surdez. O ator Kotsur dedicou o prêmio a toda comunidade de pessoas com deficiência: **"É o nosso momento!"**

Demorou mais de 94 anos para que pudéssemos assistir pessoas com deficiência no palco na premiação de melhor filme do Oscar. Fato que não deveria ser inédito, considerando que este segmento da sociedade está na marca de 15% da população mundial. A surpresa escancara o nosso descompasso e como precisamos avançar para uma sociedade de fato inclusiva. *No ritmo do coração* é daqueles filmes em que choramos e rimos quase ao mesmo tempo, mas o principal recado é que o lema dos movimentos das pessoas com deficiência: "NADA SOBRE NÓS SEM NÓS" precisa ser respeitado não só no acesso às produções audiovisuais mas em todos os projetos, espaços e dimensões da vida em sociedade. Não é possível que, em pleno século XXI, grande parcela da população não tenha como vivenciar a cidadania plena, devido aos inúmeros impedimentos de acesso aos seus direitos. E a invisibilidade desses direitos grita, expressa-se, comprova-se na ausência de dados e informações precisas e na decorrente falta de políticas públicas efetivas.

No Brasil, a situação é mais premente pois o que se vê no atual governo são perdas de direitos já conquistados com muita luta pelo reconhecimento da experiência vivencial das pessoas com deficiência. Apesar de nosso marco teórico ser um dos mais avançados do mundo com a pronta adesão à Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência/2008, com status constitucional e posterior promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI/2015), não se reflete nas inúmeras expressões cotidianas do capacitismo.

O capacitismo, atitude hierarquizante das pessoas com base na corponormatividade, em que os corpos considerados "normais" se tornam o padrão e o que foge desse estereótipo é considerado de menor valor. Essa hierarquização preconceituosa dos corpos é aplicada para definir o valor e a capacidade da pessoa com deficiência. A LBI traz enunciados importantes, como a definição de deficiência, considerada a interação entre o impedimento e o ambiente e, ainda em consonância com o modelo social, determina que a avaliação da deficiência deva ser biopsicossocial. Nesse sentido, contudo, estamos vivendo tempos de retrocesso, pois em ato recente o governo federal desconsiderou todo um trabalho validado cientificamente e junto às pessoas com deficiência na construção de um instrumento de avaliação - Índice de Funcionalidade Brasileiro Modificado (IFBr-M) - de excelente acuidade. Ao invés de validá-lo, preferiu fortalecer o modelo biomédico, anunciando a adoção de instrumento baseado prioritariamente em critérios de economicidade para restringir os benefícios sociais a que as pessoas com deficiência fariam jus. Ou seja, reforça a ideia de que a deficiência é um problema individual e uma desgraça pessoal, um problema subjetivo e não de uma coletividade.

Em contraponto, os Determinantes Sociais da Saúde, na perspectiva dos Direitos Humanos, reafirmam a dignidade coletiva, o bem-estar dos diferentes grupos sociais, pressupõem solidariedade e engajamento de todos nas lutas históricas para redução de todo tipo de desigualdade, iniquidade e exclusão, sem espaço para interpretações individualistas. *No ritmo do coração*, o subtítulo do filme, retrata o quanto precisamos de todas as nossas percepções e possibilidades para entrarmos em sintonia com o outro. Quando somos capazes de intuir, além da razão, quando nos dispomos a ver/escutar o que o outro quer comunicar, a sintonia pode acontecer. O filme mostra que a vida de todos, indiscriminadamente, é repleta de possibilidades de conflitos, de dramas, de lutas internas e dificuldades nas relações. Mostra, também, que nossos sonhos têm o poder de nos mover e, até quem sabe em alguns momentos, acertar o ritmo do coração. E quem sabe ainda nos ajude a acertar o compasso desse país na construção/reconstrução de uma sociedade mais plural, diversa, acolhedora e inclusiva. Precisamos falar e agir, precisamos acreditar e reagir.

Por falar em reagir, e o tapa de Will Smith em Cris Rock em plena cerimônia? Bem, isso é papo para um outro dia.

Por enquanto aqui, do lado de baixo da linha do Equador, estamos mais preocupados em dar um tapa no fascismo, no militarismo, no fundamentalismo e em todas as suas expressões racistas, totalitárias e capacitistas. Lembrando que para isso precisamos de todos. Esse é o nosso momento! ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.